

1974

**WATERGATE**  
**OS DIÁLOGOS SECRETOS**

*Juan*  
**veja** E LEIA

EDITORA ABRIL - N.º 297 - 15 DE MAIO DE 1974

Cr\$ 5,00

**GISCARD D'ESTAING**

**WILLY BRANDT**

**MITTERRAND**

**SPINOLA**

*Juan*  
*pag. 120, 121 e 122*

**AS GRAVES DEFINIÇÕES DA EUROPA**



Editora Abril

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretores: Edgard de Sílvia Faria  
Mino Carta  
Richard Civita  
Roberto Civita

Conselho Editorial: Edgard de Sílvia Faria, Hernani Donato, Mino Carta, Odylo Costa, filho, Pompeu de Souza, Richard Civita, Roberto Civita, Victor Civita

# veja

Revista Semanal de Informação

REDAÇÃO  
Diretor  
Mino Carta

Redatores-chefes: José Roberto Guzzo, Sérgio Pompeu  
Editores: Almyr Gajardoni, Armando Salem, Carmo Chagas, Dorrit Harazim, Emílio K. Matsumoto, Geraldo Mayrink, Hélio Gama Filho, Leo Gilson Ribeiro, Marcos de Sá Corrêa, Sebastião Rubens Gomes Pinto, Silvio Lancellotti

Editorias Assistentes: Alexandre Machado, Antonio C. Augusto, Demóstenes Romano Filho, Diogo Pacheco, Geraldo Hasse, Jefferson Barros, José Antonio Dias Lopes, Marco Antônio de Rezende, Mário Alberto de Almeida, Nelson Silva, Oriel P. do Valle, Renato Pompeu, Roberto Pompeu de Toledo, Talvani Guedes da Fonseca, Wilson Palhares

Redatores: Ângela Leite de Souza, Augusto Nunes, Eda Maria Romio, Hersch Schechter, Jorge Escosteguy, Olívio Tavares de Araújo, Sérgio de Oliveira

Assistente Administrativo: Sylvain Mifano

Departamento de Informações  
Chefe: Paulo Totti

Reportagem: Eliana Machado, Fernando A. S. Sandoval, Luis Nassif (especial), Ângela Ziroldo, Aureliano Biancarelli, Carlos Alberto Barros, Hamlet Paoletti, Hernani Donato, Lucila Camargo, Regina Machado Curi (reporteres), Mário de Santi, Lilian Neuding (analistas de investimentos), Maury Benassato (produção)

Bureaux: Rio: Alessandro Porro (diretor editorial), Nelson Silva (chefe de redação) / Benício Neiva de Medeiros, Carlos Eduardo Ulup, Eva Spitz, Joaquim Ferreira dos Santos, Lucia Rito, Maria Helena Dutra, Maurício Dias, Miriam Ferreira Lage, Oswaldo Amorim, Antônio Chrysostomo - r. do Passeio, 56, 11.º andar, fone: 244-2022, telex: 03-451 - Brasília - Diretor: Pompeu de Souza, André Gustavo (chefe), Alvaro Pereira, Armando Rollemberg, Eliane Cantanhede, José Negreiros, Suzana Veríssimo (reporteres) - Ed. Central, salas 1201 e 1208 - Setor Comercial Sul, fones: 24-9200, 24-7116, 24-9250, telex: 041-254 - Belo Horizonte - Demóstenes Romano Filho (chefe) / Carlos Lindenberg Spínola - r. Álvares Cabral, 908, fone: 35-4129, telex: 037-224 - Porto Alegre - Luis Cláudio Cunha (chefe) / Pedro Maciel - av. Otávio Rocha, 115, 3.º andar, conj. 302, fones: 24-2760 e 24-4825, telex: 028-620 - Recife - Talvani Guedes da Fonseca (chefe) / Daura Lúcia Santos, José Maria Andrade, Nilson Pereira Lima - r. Siqueira Campos, 45, sala 204 - Ed. Lygia Uchoa de Medeiros, fone: 24-6888, telex: 036-733 - Salvador - Carlos Libório (chefe) / Paulo Marconi / trav. da Ajuda, 1, sala 904, fone: 3-6301, telex: 035-734 - Paris - Pedro Cavalcanti - Londres - Jader de Oliveira

Washington - Roberto Garcia - Bonn - Carlos Struwe - Nova York - Hugo Estenssoro - Buenos Aires - Augusto Montesinos - Genebra - Cláudio Cecon

Correspondentes: Alberone Filho (Teresina), Carlos Cavalcanti (Maceió), Ciro Pinheiro (Porto Velho), Djair Dantas (Natal), Guilherme Augusto P. de Souza (Belém), Hélio Rocha (Goiania), Hélio de Souza (Campo Grande), Hélio Teixeira (Curitiba), João Manoel de Carvalho (João Pessoa), João Silva (Macapá), José Chalub Leite (Rio Branco), Laucides Oliveira (Boa Vista), Mauro Bezerra (São Luís), Paulo Fernando Teles Moraes (Aracaju), Paulo da Silva Maia (Vitória), Sérgio Augusto Silveira (Mauá), Sérgio de Costa Ramos (Florianópolis), Severino Ramos (João Pessoa), Wilson Nocca (Fortaleza)

Colaboradores: Bruna Becherucci, Carmen Lúcia Penteado Lancellotti, Décio de Almeida Prado, Geraldo Galvão Ferraz, Millôr Fernandes, Roberto Marinho de Azevedo, Sérgio Augusto, Sílvia A. M. Marone, Târik de Souza, Walmes Galvão

Fotografia

Chefe: Darcy Trigo

Fotógrafos: Carlos Namba, Fernando Abrunhosa (São Paulo); Sérgio Sade (Curitiba); Francisco Nelson, Walter Firmo (Rio); Luis Humberto (Brasília); Célio Apolinário (Belo Horizonte); Leonid Streliaev (Porto Alegre); Clodomir Bezerra (Recife); José Martins (Salvador)

Arte e Produção

Chefes: Pedro de Oliveira e Fortuna

Diagramadores: Américo Ietto Filho, N. B. Brito, José Antonio de A. Marinho, José Bigatti, José Santana Filho, Pindaro Camarinha Sobrinho, Carlito Nucci (produção gráfica)

Serviços Editoriais

Diretor: Samuel Dirceu / Vice-Diretor: Francisco Beltran / Documentação: Carmem Zilda Ribeiro, Dilco Covizzi, Cláudio Carsughi, Elizabeth Arantes Bueno, Francisco Eduardo Mazzotti, José Luiz Brum, Maria de Lourdes Ortiz, Marília San Juan França, Pedro Manuel de Souza, Sheila Ribeiro, Silvana Barreto, Ubirajara Forte, Valfrido Lima, Vera Regina Portugal

Estúdio fotográfico: Sérgio Jorge (gerente), Roger Bester (editor fotográfico) / Cartografia: Gilberto Paschoal (sub-gerente) / Abril Press: Edgar Catoira (gerente) - Nova York - Odillo Licetti (gerente), 444 Madison Avenue, Room 2201, New York, N. Y. 10022 - Telex: Edabril 423-063. Phone (212) 688-0531

Serviços Internacionais

Newsweek/Associated Press/Latin-Reuters/Matérias internacionais via Varig, Air France, Aerolíneas Argentinas e British Caledonian Airways

DEPARTAMENTO COMERCIAL

Diretor: Oswaldo de Almeida Filho

Gerente de Publicidade: Luiz Renato C. S. Carmo  
São Paulo: Supervisor de Publicidade: Fábio A. Amaral. Representantes: Newton Fioratti, Horácio V. N. de Andrade. Coordenadora de Publicidade: Conceição Aparecida de Oliveira. Supervisor de Projetos Especiais VEJA/EXAME: José Carlos N. de Andrade

Belém, gerente: Paulo Silveira Viana; Belo Horizonte, gerente: Mariza Tavares Parreiras; Brasília, gerente: Luis Edgard P. Tostes; Curitiba, gerente: Aldo Schiochet; Porto Alegre, gerente: Michel Barzilai; Recife, gerente: Edmundo Moraes; Rio, gerente: Leopoldo Amorim. Representantes: Alvaro Ceciliano Filho, Mário Vilhena Filho; Salvador, gerente: José de Melo.

Diretor de Relações Públicas: Hernani Donato

Diretor, Rio e Escritórios Regionais: Sebastião Martins

Gerente de Publicidade, Rio: Ricardo Tadel

Diretora de Produção Visual: Olga Krell

Assessor do Diretor Responsável: J. R. Franco da Fonseca

Diretor de Operações Internacionais: Donald Tulloch

Diretor de Marketing: Paulo Augusto de Almeida

Diretor Responsável: Edgard de Sílvia Faria



VEJA é uma publicação da Editora Abril Ltda. / Redação: av. Otaviano Alves de Lima, 800, tel.: 266-0011 e 266-0022 / Publicidade e Correspondência: av. Otaviano Alves de Lima, 800, tel.: 266-0011 / Administração: r. Emílio Goeldi, 575, tel.: 65-5111, caixa postal 2372, telex 021-553, São Paulo / Telex em Nova York: Edabril 423-063 / Escritórios: 2372, telex Campos Sales, 268, 4.º andar, salas 403/5, tel.: 22-5507 / Belo Horizonte: Belém: trav. Campos Sales, 268, 4.º andar, salas 403/5, tel.: 22-5507 / Brasília: r. Álvares Cabral, 908, tel.: 37-0351, telex 037-224, telegramas: Abrilpress / Curitiba: SCS-Projeção 6, Edifício Central, 12.º andar, salas 1201/8, tel.: 24-9150 e 24-7116, telex 041-254, telegramas: Abrilpress / Curitiba: r. Marechal Floriano Paixoto, 228, Edifício Banriul, 9.º andar, conj., fones: 901/2, tel.: 23-0262 e 22-9541, telex 027-746, telegramas: Banriul, 9.º andar, conj., fones: 901/2, tel.: 23-0262 e 22-9541, telex 027-746, telegramas: Abrilpress / Porto Alegre: av. Otávio Rocha, 115, 3.º andar, conj.: 307 e 311, tel.: 24-4778 e 24-2912, telex 028-820, telegramas: Abrilpress / Recife: r. Siqueira Campos, 45, Edifício Lygia Uchoa Medeiros, conj.: 204/5, tel.: 24-4857, telex 036-733, telegramas: Abrilpress / Rio de Janeiro: r. do Passeio, 56, 6.º/11.º andares, tel.: 244-2022, 45, Edifício Lygia Uchoa Medeiros, conj.: 204/5, tel.: 24-4857, telex 036-733, telegramas: Abrilpress / Rio de Janeiro: r. do Passeio, 56, 6.º/11.º andares, tel.: 244-2022, 45, Edifício Lygia Uchoa Medeiros, conj.: 204/5, tel.: 24-4857, telex 036-733, telegramas: Abrilpress / Distribuidor salas 903/4, tel.: 3-6301 e 3-5605, telex 035-734, telegramas: Abrilpress / Distribuidor nos EUA: M&Z Representativas, 112 Ferry Street, Newark, N. J. 07105, tel.: (201) 589-2799 / Preço do exemplar avulso: o constante na capa / Preço da assinatura: 52 semanas Cr\$ 190,00. Departamento de Assinaturas, r. Emílio Goeldi, 575, tel.: 62-6162, São Paulo / Números atrasados: ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor Abril de sua cidade. Em São Paulo: av. Tiradentes, 1391; r. São Domingos, 212; r. Antônio de Barros, 435; r. João Pereira, 197; r. Joaquim Floriano, 417; r. Domingos de Moraes, 1851; r. Barão de Campinas, 452; r. Olapoch, 91; no ABC: r. 15 de Novembro, 107 (Santo André); no Rio de Janeiro: r. Sacadura Cabral, 141; pedidos pelo correio: caixa postal 945, São Paulo / Temos em estoque somente as últimas seis edições / Todos direitos reservados / Impressa e distribuída com exclusividade no país pela Abril S.A. Cultural e Industrial, São Paulo. Registrada no D.C.D.P. do Departamento de Polícia Federal sob n.º 038 P 209/73

## Carta ao leitor

Lembrei-me de repente de uma semana de maio de 1968. Insondáveis são os caminhos da memória, imperceptíveis as causas de uma súbita evocação do passado. Exatamente há seis anos, no 7.º andar da sede da Editora Abril, em São Paulo, pouco mais de cem jornalistas, alguns muito moços, outros nem tanto, preparavam o "número 0" de uma misteriosa publicação. No jargão das redações, "número 0" é o ensaio geral de um futuro órgão de imprensa, igual em tudo ao que procurará o seu público, mas ainda destinado a percorrer as mesas daqueles que o produziram, convocados para uma delicada comparação entre os planos e a sua realização. Enfim, é o momento de corrigir os últimos defeitos, melhor ainda, de sentir a publicação, na letra e no espírito, sem correr o risco de um encontro abrupto com os leitores.

Diga-se que no 7.º andar da Abril não se pouparam precauções, e que depois daquele "número 0" mais onze se fizeram antes que a publicação ganhasse as ruas. Não era para menos. Pretendia-se frequentar a área até então indevidada pela imprensa brasileira das revistas semanais de informação, procurando adaptar à nossa realidade fórmulas consagradas internacionalmente. Tratava-se de um compromisso de grandes proporções, envolvendo recursos financeiros, técnicos e de inteligência raramente convocados no Brasil. Moviamos um notável entusiasmo e uma crença de diamante no público, desacostumado com um jornalismo interpretativo mas, acreditávamos, perfeitamente capaz de entendê-lo e prestigiá-lo. Assim trabalhamos, seis anos atrás, tomados

por uma exaltante euforia, à procura de um estilo e de um ritmo cujo mapa não haveria de ser menos complicado que o de certos tesouros de piratas. E, quando achamos ter transposto a derradeira passagem secreta, lançamos finalmente o número 1 em setembro de 1968.

Éramos também muito verdes e VEJA, a revista, mostrava a nossa inexperiência. Assim, largos exames de consciência nos levaram a admitir que certos enigmas do mapa não haviam sido resolvidos e foi como se a representação tivesse de ser retocada já com o pano erguido diante de uma platéia lotada. Foram tempos muito amargos em que o entusiasmo chegou a fraquejar. Hoje recordar o passado pode ser especialmente reconfortante. Seria possivelmente um mau sinal, um sintoma de estagnação, dizer que a representação, corrigida com tanto esforço, atingiu o ponto da satisfação plena, nem seria uma consideração sincera, pois a redação de VEJA espera o eterno estímulo do imbatível desejo de ser melhor. Mas uma venda média que beira 160 000 exemplares semanais e um volume de anúncios que a coloca em primeiro lugar entre os semanários brasileiros são o claro atestado da confiança daquele público que há seis anos ensaiávamos atingir.

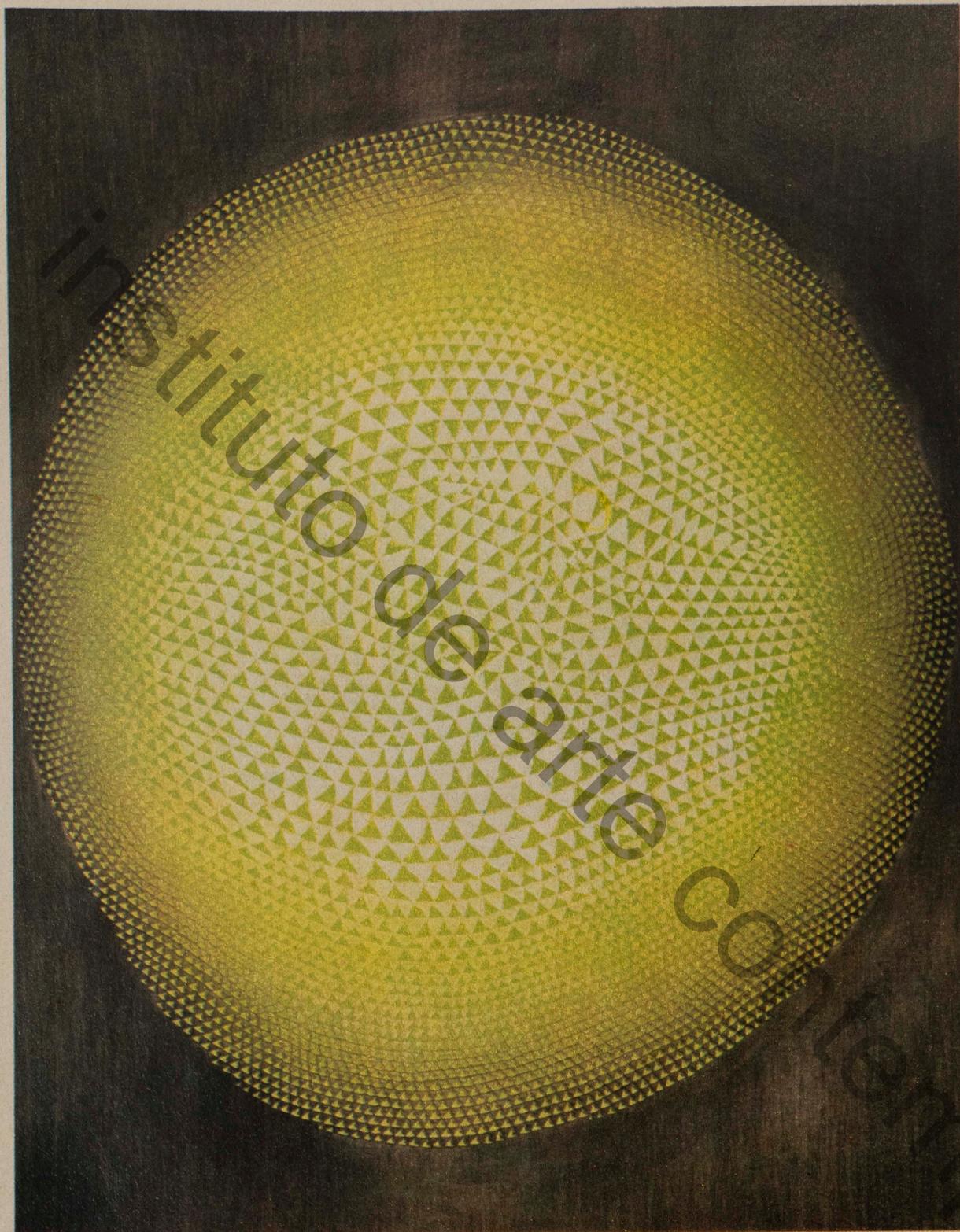
Em todo caso, mais que as cifras, é consoladora a certeza de sempre e sempre ter agido com honestidade, segundo um compromisso que VEJA assumiu consigo mesma no eufórico maio que subitamente hoje recordo.

M.C.

CAPA: montagem de Fortuna.

## Índice

INTERNACIONAL	34	ESPECIAL	63
AMBIENTE	82	ESPORTE	102
ARTE	120	GENTE	107
BRASIL	17	HUMOR	10
CARTAS	8	INVESTIMENTOS	127
CIDADES	73	LITERATURA	117
CINEMA	108	MEDICINA	77
COMPORTAMENTO	74	MÚSICA	112
DATAS	107	TEATRO	109
DOCUMENTO	3	TELEVISÃO	84
ECONOMIA E NEGÓCIOS	90	TRÂNSITO	69
EDUCAÇÃO	80		



Piza, "Cosmos Vert": as formas circulares jogadas no espaço

## Festivo retorno

*ARTUR LUÍS PIZA, setenta gravuras; preços entre 1 800 e 3 500 cruzeiros; Petite Galerie, São Paulo.*

Há muitos anos, seguramente, nenhuma inauguração conseguia, em São Paulo, um sucesso tão incontestável e esufizante. Centenas de pessoas circularam, durante horas, tornando pequenos os salões da galeria — um deles com pelo menos 180 metros quadrados. O repertório incluía, além de colegas de métier, cavalheiros de "foulard", damas envolvidas em plumas e colecionadores esforçados, que conseguiram comprar dois terços dos quadros na primeira noite.

Tudo isso para homenagear a pessoa e a obra do gravador Artur Luís Piza, em sua primeira visita ao Brasil depois de uma ausência de sete anos.

Nascido em São Paulo, em 1928, Piza fixou-se em Paris desde meados da década de 50, após uma formação básica com o pintor e mestre Antônio Gomide. Na Europa construiu, com paciência, uma reputação sólida e uma obra brilhante. E ambas lhe valeram, em sua pátria, a situação de prestígio que a presente exposição só veio confirmar.

**Cabeça e mão** — Foi também na Europa que a obra de Piza assumiu as características que hoje a definem. Nos últimos quinze anos (praticamente abrangidos por esta exposição, que é uma es-

pécie de míni-retrospectiva), qualquer gravura sua tornou-se inconfundível. Compõe-se, quase sempre, de formas ovais ou circulares superpostas a quadrados e retângulos, ou apenas jogadas no espaço. E a textura é minuciosamente trabalhada, resultando num relevo caprichoso e dinâmico. Para obtê-lo, Piza escava diretamente nas chapas de cobre, em vez de recorrer a técnicas mais tradicionais, como os ácidos. Esse trabalho predominantemente físico, aliás, corresponde a uma concepção lúcida de arte: "Não acredito muito nas coisas exclusivamente cerebrais. Acho muito importante a aliança entre cabeça e mão". Por isso suas gravuras nunca são projetadas previamente. Crescem aos poucos, após cada batida, como uma forma orgânica que se desenvolve em torno de um núcleo de vida.

No resultado, o que mais sobressai é a beleza. A essa altura da carreira, a obra de Piza não consegue nem deseja inquietar. Revela basicamente sua satisfação interior. A mesma que o artista ambiciona para quem contempla sua produção: "No fundo, o que a gente faz é despertar prazer em outras pessoas. Elas se reconhecem no trabalho. Talvez até pudessem fazê-lo por si mesmas. Eu, de minha parte, não acredito no mito do gênio". ● Olívio Tavares de Araújo

## O experimentador

*IVAN SERPA — Retrospectiva; 274 pinturas, desenhos, gravuras e objetos; Museu de Arte Moderna (Rio).*

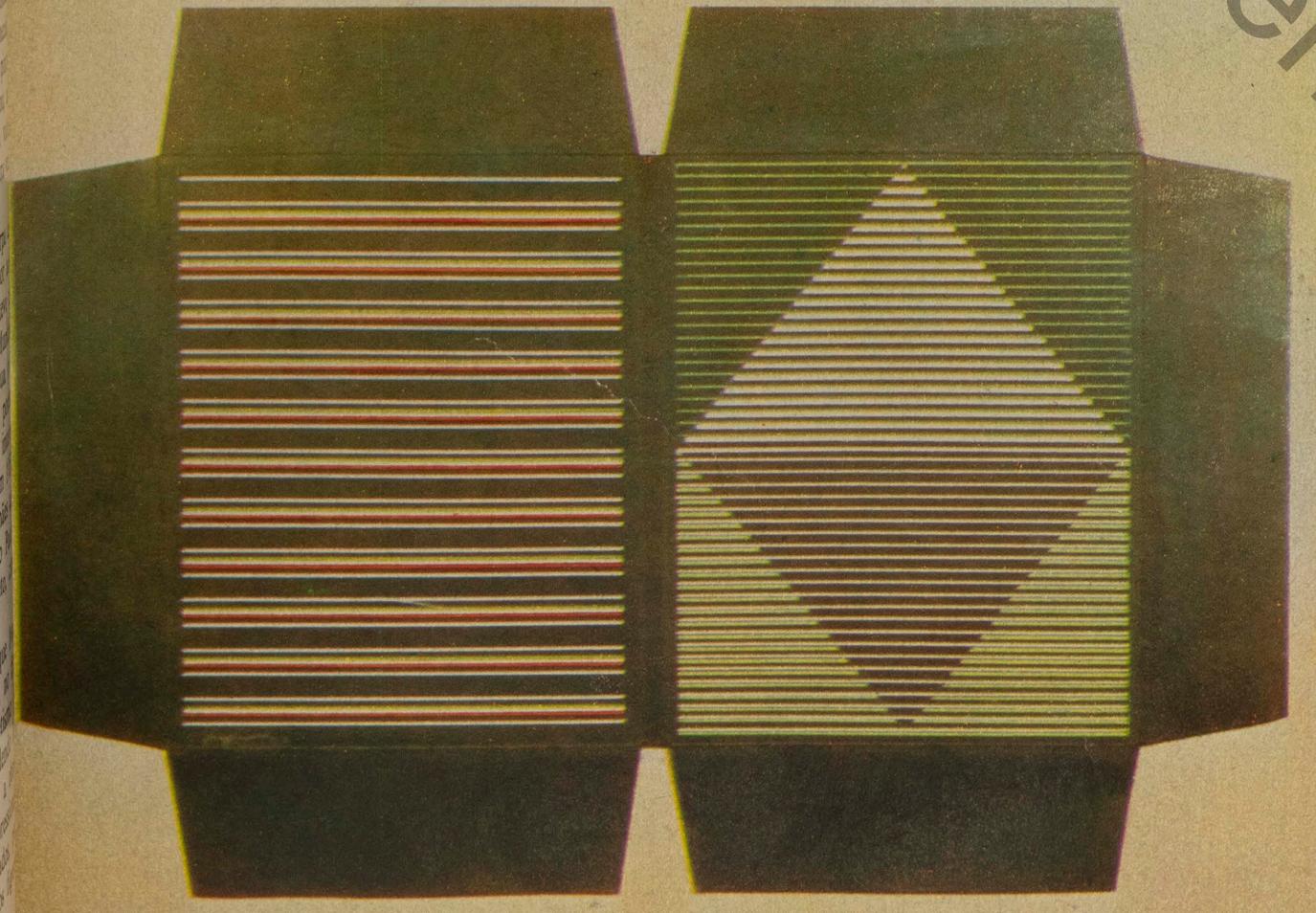
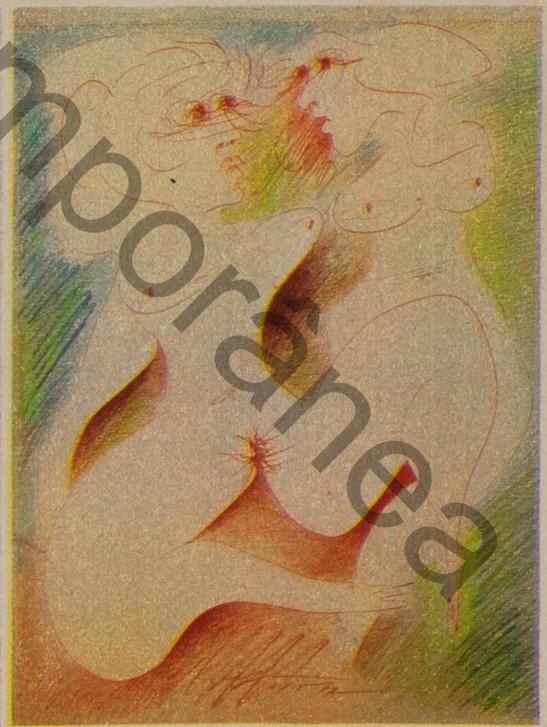
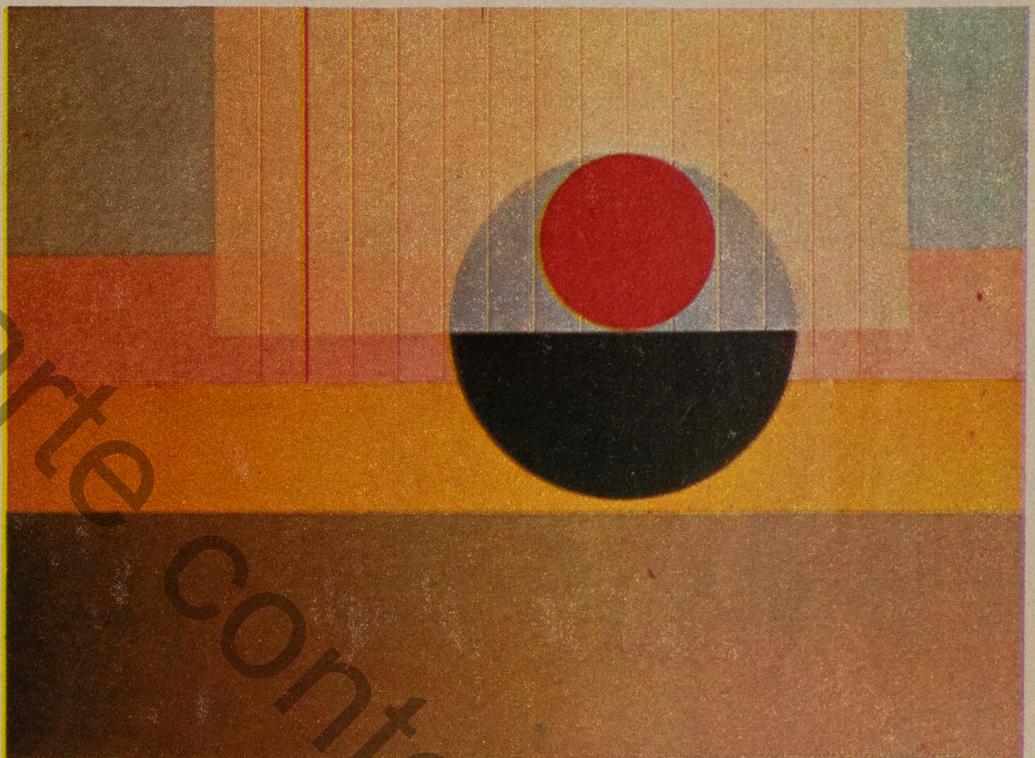
Foram cinquenta anos de vida e quase trinta de intensa atividade artística. Neles, Ivan Serpa se tornou conhecido como um dos mais significativos pintores modernos brasileiros. E deixou, ao morrer, em abril de 1973, uma vasta obra que pode agora, pela primeira vez, ser avaliada em conjunto.

Nascido no Rio, em 1923, Serpa começou a estudar com o gravador austríaco Axl Leskoschek, que esteve no Brasil na época da II Guerra Mundial. Quando o conflito terminou, sua pintura era figurativa. Em 1947, porém, o artista já havia começado a se interessar pelas formas abstratas. E em 1951, influenciado pelos suíços e alemães que vira na primeira Bienal de São Paulo, tornou-se resolutamente concreto, com trabalhos de matemático rigor.

Foi como pintor concreto que Ivan Serpa se tornou famoso. Mas, no fim da década de 50, seu concretismo já se mostrava menos severo, cedendo lugar, em meados dos anos 60, a obras figurativas de um violento expressionismo. E vieram depois misturados, por todo o resto da vida, trabalhos figura-

*continua na página 122*

Entre "Paisagem", de 1947,  
e "Mulheres", de 1972,  
as várias fases e técnicas  
da intensa carreira  
de Ivan Serpa: "Célula no  
Espaço" (gravura de  
1969), ao alto à esquerda;  
abaixo, "Construção", colagem  
de 1955; e, embaixo,  
"Abstração Geométrica", um  
óleo de 1957



tivos e abstratos, e o emprego das mais variadas formas e técnicas.

**Acabamento impecável** — Em uma obra orientada, quase que simultaneamente, para direções tão diversas, nota-se a constante da boa qualidade, aliada à preocupação de o pintor manter-se sempre atual. Mas, se nunca perdeu a técnica e nunca se perdeu entre as diversas influências, Ivan Serpa nem sempre manteve o mesmo rigor criativo.

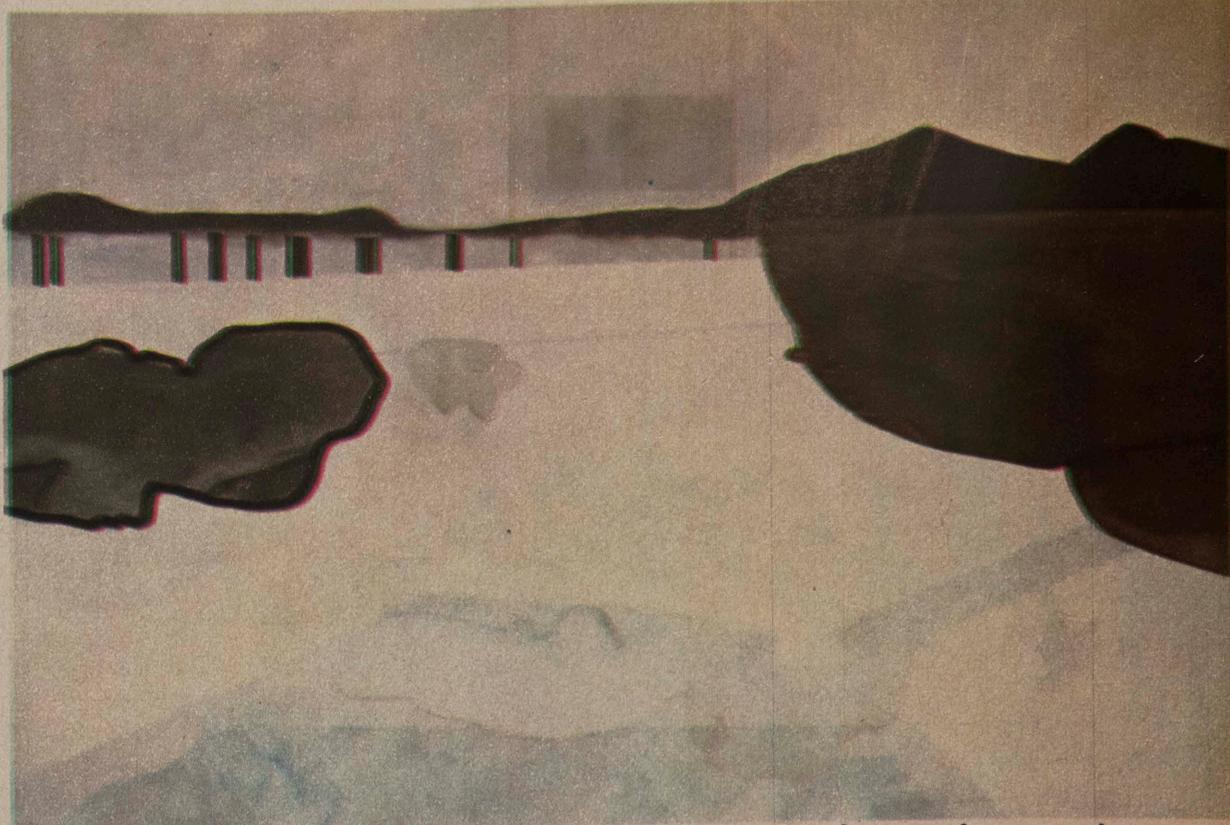
Este é mais evidente nas grandes concepções expressionistas — sem dúvida a parte mais original da exposição. Mas está presente, também, em pequenos desenhos concretos a nanquim e guache. Algumas vezes, porém, a pesquisa visual tropeça no formalismo. E Ivan Serpa, em seus maus momentos, peca por uma frieza que o acabamento, sempre impecável, mal consegue disfarçar.

O mais importante desta mostra, entretanto, foi exibir, em toda sua diversidade, os interesses do pintor. Em Ivan Serpa, não se vê, unicamente, fases que se sucedem — mas uma vitalidade que procura exprimir-se das mais diversas maneiras, utilizando, como escreve no catálogo o crítico Roberto Pontual, “desde os elementos francamente figurativos até a mais absoluta não-figuração, sem que lhe incomodasse aparentar incoerência de uma fase à fase seguinte”. Tal versatilidade, inclusive, leva Pontual a apontar, como a característica essencial do artista, uma “natureza irreversivelmente experimental”.

**Efervescência da criação** — Por sua vez, um texto de Ivan Serpa, escrito em setembro de 1971, dá uma amostra da vigorosa natureza que determinou sua pintura: “O que interessa é fazer outras observações em relação a outras coisas do momento atual. O que existe é uma necessidade de acordo com minha vivência. Trabalho todos os dias. Se tenho necessidade de fazer desenho, eu faço. Se for objeto, eu faço. E tem momentos em que tenho necessidade de não fazer nada. Sem aflição. Felizmente não tenho aflição. Sei que ela existe mas não me pegou ainda. Nunca tenho planos. A vida é que os faz. De acordo com a maré é que eles serão traçados. As derrotas ensinam mais que as vitórias. E dão forças para outros embates. Não me entrego não. Vou até o final”.

Infelizmente, Ivan Serpa não chegou a ir tão longe quanto queria. Nas paredes do Museu de Arte Moderna, algumas telas inacabadas provam que a morte o pegou em plena efervescência da criação. O que ele deixou é sem dúvida excelente. Mas o que estava fazendo poderia vir a ser ainda melhor.

● Marinho de Azevedo



Baravelli, “Paisagem”: o retrato simplificado do mundo ao redor

## Colagem

**BARAVELLI**, 35 desenhos e pinturas; preço entre 1 500 e 12 000 cruzeiros; Galeria Astréia — Nascido em 1942, o paulista Luís Paulo Baravelli pertence a uma geração que não se deixou encantar pelos sortilégios da arte abstrata. Preferiu um diálogo muitas vezes áspero com o mundo a seu redor. E o retrata, quase sempre de forma simplificada, escolhendo parcelas mais significativas ou concisas.

Seguindo uma tendência a cada dia mais perceptível, a exposição de Baravelli é quase um pequeno autobalço. Inclui trabalhos de 1969 para cá, reunidos arbitrariamente, muitos conservando as características de esboço ou estudo com que foram concebidos e exe-

cutados. Não se nota nenhuma preocupação de unidade técnica ou estilística. Contudo, é inegável que se trata de um trabalho sério e consciente, amadurecido num exercício cotidiano de ver e retratar. A exposição não procura esclarecer os objetivos mais exatos do artista. Mas facilitar seja o que for não parece uma das preocupações mais salientes de sua insatisfeita geração.

**DÉCIO AMBRÓSIO**, trinta pinturas-objeto; preços entre 3 500 e 8 500 cruzeiros; Museu de Arte de São Paulo — Profissional da área publicitária, o paulista Décio Ambrósio, 26 anos, realiza sua primeira exposição individual como pintor. “Na publicidade”, lembra ele, “trabalho por encomenda. Aqui,

continua na página 124



Ambrósio: a simbologia surrealista



Wanda: os interiores da classe média